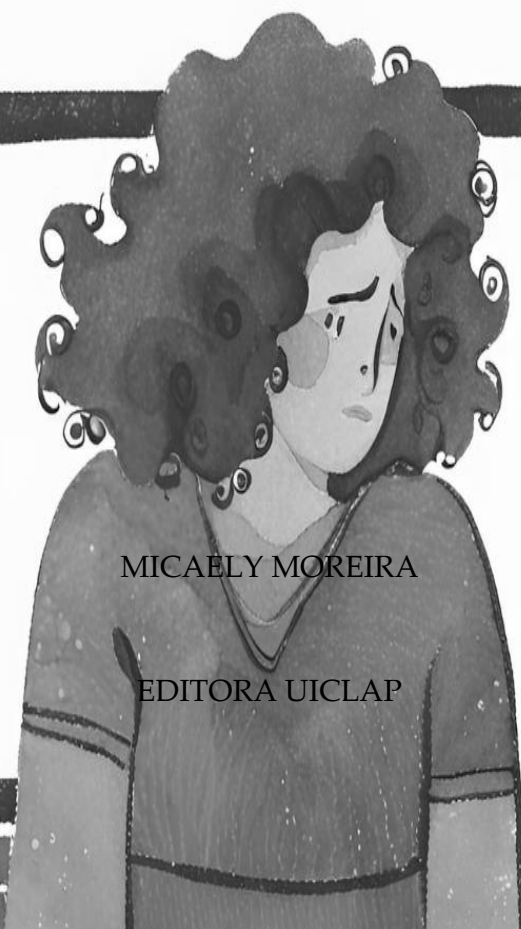


**QUANDO NÃO FALO,  
ESCREVO**



# QUANDO NÃO FALO, ESCREVO



MICAELY MOREIRA

EDITORA UICLAP

Título original  
QUANDO NÃO FALO, ESCRREVO

Primeira publicação em  
Apucarana, Paraná, Brasil.  
2021

1ª Edição

Todos os direitos da obra  
QUANDO NÃO FALO, ESCRREVO  
reservados ao Autor

*Copyright* do texto © Micaely Moreira, 2021  
Arte de capa — Canva.com

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Micaely Moreira - 1998

Quando não falo, escrevo / Micaely Moreira. -- 1. ed. --  
Apucarana, PR : Ed. do Autor, 2021.

ISBN: 978-65-00-40608-5

1. Poesia brasileira 2. Literatura - Língua portuguesa 3. Poesia moderna

I. Quando não falo, escrevo II. Micaely Moreira

CDD - 869.1

CDU - 821.134.3(81)-1

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Poesia Brasileira B869.1



*Dedicado a todas as pessoas que, assim como eu, sofrem  
diante da normalidade que nos cerca. Aquelas que ten-  
tam se encaixar, sendo uma tomada de três pinos em um  
mundo feito apenas para dois.*

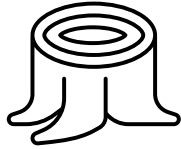


*Para*  
*José Marcos*





Quando foi que comecei a notar  
Que minhas cicatrizes não iriam se apagar?  
Quando foi que comecei a dizer  
Palavras que ninguém consegue entender?  
Quando foi que comecei a nadar  
Sem mar, sem lar, sem me importar?



**Substituível.** É assim que me sinto.  
Clichê, talvez, mas dolorosamente real.



Cada pessoa que conheci  
ao longo desses incansáveis anos  
me deixou um pequeno pedaço de vidro  
antes de partir.

Nunca entendi o porquê disso acontecer,  
nem o motivo de todas elas irem embora.  
O que sempre sobrava eram apenas os cacos.

Com o passar do tempo, fui juntando  
uma quantidade incontável desses fragmentos,  
guardados em silêncio dentro de um armário.

Até que, certo dia, cansada desse ritual eloquente,  
decidi dar um fim a todos eles.

Mas o processo me deixou cheia de feridas.

E, mesmo me livrando de todos os cacos,  
ficou essa cicatriz enorme no meu coração,  
que ainda dói por incontáveis dias.



Eu sempre estive sozinha.

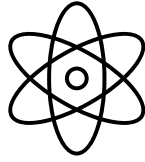
Essa é a grande realidade.

Sozinha, amargurada e sempre  
à procura de uma versão melhor de mim mesma.

Tentando, dolorosamente, me convencer  
de que essa seria uma boa forma de esquecer  
o passado e seguir em frente.

Mas esse dia nunca chegou.

Quanto mais busco essa versão de mim,  
mais me perco, esquecendo quem eu verdadeira-  
mente sou.



À noite, ou durante o banho,  
sinto como se meu cérebro  
fosse um acelerador de partículas.

Ou como se ele fosse um macaco  
e os pensamentos, galhos que ele vai pulando,  
um a um, atrás de uma banana.

Crio umas três ou cinco hipóteses  
muito bem elaboradas, depois as desmancho e  
penso: "Bom, deixa pra lá."

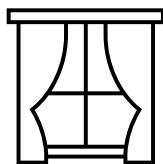
Me falta motivação,  
e me faltam palavras.

Às vezes sinto a tristeza chegando, junto com as co-  
ranças, e me sinto assim, inútil.

Melhor dizendo,  
sinto como se o mundo fosse um interruptor  
adaptado para dois pinos,

e todas as pessoas fossem igualmente  
tomadas de dois pinos.

E eu, ali no meio, com meus três,  
tentando me encaixar onde não me cabe  
e nunca caberá.



Pensando sobre felicidade,  
ou momentos felizes como os conhecemos,  
me lembro daquele que eu poderia repetir  
diversas vezes, que nunca teria falha,  
estaria feliz sempre, se sempre esse estado  
fosse alcançado.

Falando de mim, digo que da infância  
até a vida adulta fui genuinamente feliz.  
Todas as vezes que abri a janela à tarde,  
e com o sol dormi, em uma cama quente  
e aconchegante, pensando em absolutamente nada,  
ouvindo absolutamente ninguém, apenas sentindo  
os raios do sol entrando pela janela, aquecer meu corpo.

Sem fazer quaisquer questionamentos  
sobre a vida e o mundo.

Minha felicidade genuína  
é pouco solene, mas, ao mesmo tempo,



é difícil e rara.

Mais da metade da minha vida está repleta de  
teoremas dolorosos, inexplicáveis, que nunca  
me levarão a lugar nenhum.

Minha mente  
nunca repousa.

A guerra é ínfima, mas sempre há  
Espaço para mais um motivo que faça com que eu  
aperte o gatilho e a torne a guerra final.



Desde sempre, tento exprimir  
meus sentimentos com  
palavras, frases ou poesias

que possam contribuir com  
todas as histórias, hipóteses  
e incertezas sobre minha  
vida que guardo dentro  
do meu peito.

É um elo contínuo de tentar  
aprisionar com palavras algo  
que está no fundo da alma,

que não pode ser  
facilmente exibido ou aceito.

Sendo assim, conjuro  
letras e sílabas que  
tornem esse sentimento

material e tangível  
de alguma forma.

Afim de que alguém  
possa entender  
minimamente,  
ou se identificar  
nessa constante  
revolução retrógrada,  
onde os sentimentos  
não são nada,

onde colocamos tudo  
acima da vontade  
e perspectiva.



Cansada de me sentir um nada,  
de me sentir insuficiente.

Cansada de me sentir estranha  
no meu próprio corpo.

Cansada de me sentir diferente,  
vivendo e sendo do jeito que eu sou.

Me arrependendo a cada segundo  
do que falei e do que fiz,  
no presente e no passado,

mesmo não sendo  
errado pra mim, mas sendo errado  
para todo o padrão de senso já constituído  
pela sociedade.

É incrível o antagonismo  
que é você não se encaixar

e perder a esperança sobre  
tudo e todos à sua volta.

E finalmente perceber  
que ninguém é como você pensa ser,  
e você não é parecido com ninguém,  
e que não importa o quanto você viva,  
sempre será desse jeito.

Sempre será esse ciclo vicioso e imoral.

Quantos conceitos problemáticos  
e preocupações terei que ter sobre  
a realidade exterior e interior a mim?

Tudo me parece estar "bem",  
apesar dos pesares,  
e subitamente passível de renovação,

menos as pessoas,  
e menos a sociedade.

É desgastante saber  
que absolutamente ninguém  
é alguém no seu mundo,

porque o seu mundo você criou à base de  
expectativas irreais sobre as pessoas,

criou sempre à base da inocência,  
e sobretudo,  
esperança.

Tudo será sempre sobre construção  
de corpo, beleza e superação  
da mediocridade.

E eu não tenho, nem nunca terei algo  
para oferecer sobre as três coisas mais  
importantes na vida da maioria.

O que não cansa nessa vida  
obrigatoriamente social?

E a maldita atração por  
coisas que não somos, para então

SERMOS,

para então nos  
inserirmos,

porque precisamos,  
porque somos seres sociais.

E o maior feito de seres sociais  
foi ter criado um padrão impossível  
de se encaixar,

quando o mais fácil seria  
respeitar as diversidades.

A própria aceitação como termo social  
é talvez a farsa de um  
novo padrão.



Pela minha própria e natural  
inconveniência,  
assim como pela minha própria  
estranheza alheia,  
estive me sentindo assim:

podre demais pra ser amada por alguém.

Há dias em que fico me sentindo estranha,  
de corpo e alma.

Eu sou assim,

sempre fugindo de uma  
realidade que machuca  
de forma tão direta e indireta.  
Me faltou a luz que poderia me ressignificar.

Mas o problema é minha utilidade para  
todos, menos para mim mesma.



E os vínculos existentes da dor pesada de ser  
aquele não amado por ninguém.

Não foi diferente,  
não durou,  
não foi pra valer.

Sempre soube, desde cedo,  
que as pessoas estavam interessadas  
no que eu tinha, não no que  
eu era.

E cada vez podia perceber que não  
tinha muita coisa para oferecer.  
Tudo estava completo,

menos eu.

O mundo não tinha sido feito  
pra mim.

Estava tão claro que não importava o lado  
que eu virava da cama,  
ou se escutava meu

nome se alguém chamava; nenhum lugar do mundo  
jamais me abarcava.



Escrevi muito sobre o vazio,  
mas dessa vez todas as minhas inseguranças  
estão amontoadas no peito, e me sinto ainda menor  
do que geralmente sou.

Me sinto realmente inútil,  
de corpo e alma.

Ao mesmo tempo, me sinto  
confusa,  
me sinto  
culpada.

Me sinto  
inquestionavelmente frágil,  
no ponto perfeito  
para quebrar de vez.

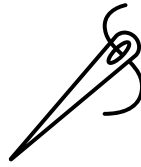
Eu posso não ter perdido a sensatez,  
mas realmente perdi  
qualquer direção da minha vida

que nunca foi minha de verdade.

Está tudo errado, e a tristeza é  
incomparável.

E o ato de não confiar mais  
em mim mesma  
é imutável.

Não importa o que aconteça,  
não importa quantos anos passem.



Ansiedade rima com saudade,  
que novidade.

Mais uma noite sem  
dormir, dessa vez sem motivo aparente.

Pensando em algo que vem  
de repente.

Minha mente se esbarra,  
entrelaça  
e dá um nó,

não conseguindo sair,  
me tranco e fico só.

Talvez eu tenha medo do que está  
por perto,  
ou talvez tenha medo de que fique  
tudo deserto,

e eu acabe assim,  
sem ninguém,  
ou sem mim.

Enquanto existem outras dimensões,  
fico aqui sozinha lidando com as mesmas situações.

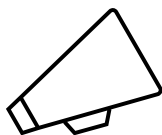
Dizem que não devo ligar para o que  
os outros falam,  
mas seria ingenuidade  
fingir que nada acontece,

em uma realidade  
onde a verdade  
constantemente  
transparece,

lembrando que tudo é uma construção.

E que muros construíram  
com a verdade sobre mim?

Será que tudo isso já decretou  
o meu fim?



Acordar e tentar ser melhor  
de forma esgotável,  
tornar o ambiente melhor  
  
estar melhor...

para no final não receber nada em troca,  
  
nem o direito de surtar.

Tenho que colocar isso na  
minha lista de desejos:

"direito de surtar."

E um lembrete:

"ninguém, absolutamente  
ninguém, fará por você o  
que faz pelos outros."

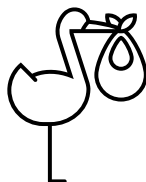
Parece que quero mostrar  
meu valor ao mundo:

"Olha, eu mudei, estou poderosa  
agora, tenho mais força, choro  
menos e vou conquistar  
o mundo."

Mas a verdade é que ainda  
sou tão pequena que chega  
ser difícil me olhar no espelho.

Ainda sou muito pequena,  
inexperiente,  
inocente,  
e principalmente,  
sozinha.





Nada novo, nada muda, sempre  
olhando para o mesmo velho espelho e dizendo:

"Vamos lá, se importe consigo mesma,  
ninguém fará isso."

Dizem:

"Se ame antes de amar alguém."

Mas nós viemos ao mundo  
sendo amados antes de amar.

Então, como é possível amar a  
si mesmo?

Se pararmos pra pensar, não  
existimos sozinhos, e a solidão  
nos causa desconforto.

O ser humano é social, isso é

fato, e acredito que grande  
parte das minhas dores internas  
se dão ao fato da minha necessidade  
de me ligar a tudo que é exterior,  
a tudo que vem de fora  
de mim.

Me sinto como se eu fosse  
um tijolo deslocado  
dentro de um muro  
perfeito.

Ninguém quer um tijolo mal  
colocado na sua construção.

Até porque ele pode deixar o  
muro mais suscetível à queda.

Eu sempre me sinto assim,  
a parte mais frágil do mundo.

É como se eu fosse uma casa de  
baralhos, um sopro me desfaz  
e assim eu caio no chão,  
e me refaço aos poucos.

Já quem soprou  
esqueceu,  
enquanto as memórias  
vão me  
consumindo,  
me  
acompanhando  
de forma tão viva  
que penso que elas  
realmente são  
assim:  
VIVAS.

Parece que eu me esforço  
muito pra manter  
uma convivência estável  
que nunca vai  
me "abarcар"  
verdadeiramente,  
ou seja,  
passageira.

As pessoas saem e  
entram no meu coração

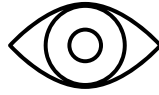
desde sempre.

Mas não ligam  
aparentemente  
para o estrago evidente  
que fazem.

Às vezes penso que não  
vou aguentar mais nenhum  
dia, me sinto doente por  
dentro e por fora.

"Estou cansada."

São uma daquelas  
frases do dia que vou  
usar hoje e amanhã.



Eu queria ter algo que  
puxasse meus olhos até os  
meus pés, pra não ter que olhar  
para as pessoas.

Seus olhos estão repletos de  
faíscas e sonhos.

E sou assim como eles,  
de carne e osso,  
mas me sinto triste  
e sem sonhos.

Meus olhos estão repletos  
de chamas, e elas estão  
a queimar.

Isso afasta toda a gente  
que anda a acreditar que,  
de alguma forma, estou doente e  
que este aqui não é o meu lugar.



Vista pelos outros  
como uma falha  
interurbana.

Uma menina que  
nem parece humana.  
Indesejada por todos,  
quer ser alguém.

Mesmo sabendo que  
lá fora há tanto desdém.

Não tem reação,  
não tem assunto.  
Pega cimento para  
tampar os buracos  
que tem no fundo  
do peito — só, oco e sem  
esperança, só brota  
desgraça e pouca  
perseverança. E assim  
chamam: “Ooô menina

mais sem graça.”

Pior do que qualquer um.

E mesmo que pareça  
um pouco incomum,

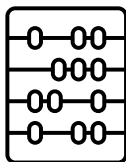
tenta se encaixar de  
forma solene.

Será que um dia virá  
a ser alguém ou o  
fracasso está no  
seu gene?



Sou apenas uma existência,  
fadada em vida ao esquecimento,  
pela inabilidade de sentir com o  
coração dos outros e entender  
conforme princípios que não são  
os meus.





Não passa de um déficit  
em meio aos excedentes,  
aquela parte que frequenta os  
lugares e, como uma lâmpada,  
tão lentamente se apaga no  
clamor das reclamações:  
“cadê a luz?”

Sabe que não faz diferença  
por onde passa, que  
não é lembrada,  
tão pouco  
amada.

É aquela que ninguém sabe  
o nome, mas que, nos dias de  
chuva, se esconde, e que, nos  
dias de calor, olha pela janela e  
imagina uma vida melhor,

uma vida mais bela.

Memoriza, remonta e  
desmonta a memória, percebendo  
que jamais será assim,  
como sonha.

Se sentindo corrompida, destinada a essa vida  
sem saída,  
vislumbrando aquela porta aberta no abismo,  
chamando e clamando  
por alegria.



Sou uma espécie de utopia,  
daquelas inalcançáveis.  
Sou uma espécie de mágoa,  
daquelas irreparáveis.  
Sou finais de semana conturbados,  
sou sonhos dilacerados.  
Sou uma parte que falta em mim  
e uma parte que completa o fim.  
Sou dor, sofrimento e arrependimento,  
prazer, eu sou o pensamento.



A dor é como uma planta,  
ela cria raízes dentro de você  
que não são fáceis de se livrar.  
Como uma planta, a dor precisa  
também de luz, ser regada, e  
adubada.

E o mais difícil de tudo isso é que  
ela faz e fará parte de você  
para sempre.

Não tem como esquecer ou se  
livrar da dor, igual não tem como  
acabar com essas flores chamadas  
de praga crescendo no seu jardim.

Que, mesmo você arrancando,  
voltam de tempos em tempos,  
de estação em estação.

Você terá que lidar.

Não dá para simplesmente  
cortar as raízes e matar a  
dor, porque se não,  
a planta também morre.

É sufocante, apreensivo e invasivo.

Mas no final, todos somos flores,  
de nomes variantes da dor, esperando  
que um dia chegue alguém e corte  
todas as nossas raízes.



Uma vida baseada em  
talvez e em incertezas,  
em perguntas sempre,

sem respostas.

O que seria essa longa  
trajetória de acordar, dormir,  
sonhar, cair e levantar?

Imaginar tudo de novo dentro  
dos nossos olhos e da nossa realidade.

Me sinto viajando entre esse  
espaço-tempo de existir  
e de não existir.



Que pesos são esses que  
armam minhas costas,  
que deixam a ferida  
exposta, e me delegam a  
uma sensação fora do normal?

Eu sei que não há nada entre  
essas frestas novas inauguradas  
que me espera, eu sei que não  
há nada que me delibera.

Eu não sou imune como gostaria  
de ser, não estou satisfeita  
com o que vou vir a ser,  
e o tempo sempre me mostra,  
que nunca estive pronta  
para nascer.

Como eu posso encarar uma  
realidade que me fragiliza

e me deixa paralisada? Eu não  
posso fazer nada diante das  
circunstâncias que me tornaram  
hoje o que sou.

Longe de casa, uma nova  
realidade me consome,  
e fui eu quem a escolhi,  
sem nunca imaginar que ia  
sofrer como nunca sofri.

Estou cansada de juntar os  
meus cacos todos os dias para  
serem quebrados de novo  
e de novo.

Estou cansada de juntar tudo  
para ser quebrado  
mais uma vez.

Eu já entendi que não há  
lugar no mundo para mim,  
e onde eu for, vai ser sempre  
assim.



Temo cavar minha  
própria cova e dar a  
mim mesma um trágico fim.



Sou inútil, e digo isso  
Com a maior certeza do mundo,  
A mim, nada cabe, e eu  
Não caibo em nada,  
Todas as coisas que poderia fazer,  
Faço com inutilidade.

Não represento nada,  
Para nada, para ninguém,  
E não represento nada para mim.

Dói na alma existir,  
E dói na alma toda essa inutilidade  
Que é viver dia após dia,  
Beirando o nada,  
Sendo inútil de graça,  
E, derradeiramente,  
Se esquivando da solidão.



Estou amaldiçoada a viver desse jeito,  
Importuna, derradeira e insolente,  
Estou amaldiçoada a entrar pelos bares  
E perguntar se alguém quer ler os versos que fiz,  
Porque estou carente de sentimentos humanos.

Estou amaldiçoada,  
Tiraram-me todos, e não sobrou nenhum  
Para dar um sorriso de vez em quando.

Me amaldiçoaram a uma desgraça de vida,  
Onde me sinto só,  
E detesto olhar o céu,  
Pois parece que ele também me odeia,  
Assim como eu.



O que eu sinto é tão profundo,  
Que já falei "abismo" inúmeras vezes,  
Mas é muito mais do que isso.

É um buraco singular  
Com dentes que vão  
Remoendo todos os sentimentos  
Que passam por mim.

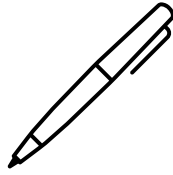
Os dias são tão amargos,  
O sol já me incomoda tanto,  
E prefiro ficar em um quarto no escuro,  
Deitada, beirando a minha própria existência  
Com essa dor inexplicável e sublime.

O buraco suga tudo, até as estrelas do céu,  
E em mim, lá dentro, elas se sentem tão sufocadas  
Que explodem,  
Causando ainda mais dor.

Não é abismo, é algo terrível  
Que vai sugando as coisas tangíveis,  
Suga as flores, e elas em mim  
Soltam espinhos.  
Suga a luz, e ela me cega,  
Suga o amor, e ele me destrói.

O oco buraco amedrontador  
Que suga tudo que acha conveniente.

E meu corpo frágil e quase nulo,  
Vai se deteriorando e fazendo parte  
Dos milhares de grãos de areia  
Que não suportam mais a existência.



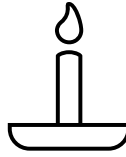
Enquanto um turbilhão de palavras morre dentro  
de mim,  
Outro turbilhão de palavras renasce.

Em meio às cinzas da guerra,  
Elas querem gritar e dizer algo,  
Mas não podem.

Elas querem sair do fundo do meu abrigo,  
Mas não podem.

E no final, elas só querem achar um jeito,  
Mas não podem,  
E por isso morrem  
E renascem de novo,

Sem nunca terem,  
De fato, dito.



Sozinha, completamente sozinha,  
Delirando, ouvindo vozes amigáveis  
De sua imaginação, que já não pode estar  
Tão só.

Desejou as estrelas cadentes, alguém com quem  
pudesse rir,  
E compartilhar seus momentos de dor.

Alguém para correr ao ar livre e brincar nos dias de  
calor.

Mas não veio ninguém. Mais de 50 anos  
se passaram,  
E ela continuou com o olhar intacto,  
Como se nunca viesse alguém.

Continuou com o coração batendo lento,  
Como se nunca tivesse sentido emoção.



O que é a tristeza?  
Talvez seja um monstro  
Que sai das profundezas do nosso vazio,  
Para nos lembrar todos os dias  
Que somos seres inúteis e incapazes  
De realizar os nossos sonhos sem nos aprofundar na  
solidão.

O monstro é inerente e não faz sentido algum,  
Mas a tristeza faz, e continua lá,

Te impossibilitando de perceber o brilho da lua  
quando ela chega  
E do sol quando vai embora.

Te impossibilitando de enxergar forma nas nuvens,  
Como se elas, do nada, se apagassem.

Não dá pra olhar o rosto das pessoas mais.  
Não dá para olhar os dois lados da rua,



E responder um oi, virando para trás.

É como se não sobrasse nada no mundo,  
Só você e sua famigerada tristeza,

Andando todos os dias aos prantos,  
Pensando se um dia em você existiu pureza.



E é numa noite de ventos rasos,  
De palavras que ferem,  
De ruídos singelos e sorrisos mórbidos,  
Que me pergunto: por que estou aqui?

Existe uma razão, um motivo indecifrável,  
Ou até mágicas percepções que me englobem  
Em um mundo como esse?

Não sei de onde raios eu surgi,  
Nem para onde devo ir,  
Mas sei que nos últimos anos  
Ando tramitando entre o vazio e o abismo.

Ando vislumbrando céus sem estrelas  
E noites sem luar,  
Como se tudo fosse um jogo inventado,  
Planejado para me sufocar no final.

É agoniante os dias que se sucedem,

Quase que não preencho qualquer espaço possível dentro  
de mim.

Me sinto dilacerada,  
De corpo aberto e sangrando,  
Como se algo em mim tivesse feito mal,  
E quem sabe...  
Realmente fez?



Os aniversários não são mais como antes,  
Cada ano, sentindo a pele queimar  
No infinito julgamento dos valores.

Por um dia mais, gostaria de ser uma galáxia se expan-  
dindo,  
E não um corpo frágil se deteriorando.

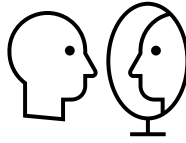
Por um dia mais, gostaria de ser uma tela pintada  
Com infinitas cores,  
E não um clima tempestuoso e nublado.

Os aniversários não são mais como antes,  
Agora que sei que o mundo é um mar vasto,  
Que me leva involuntariamente para um buraco vazio,  
Onde nada faz sentido, um segundo sequer.

Os aniversários não são mais como antes,

Agora que a essência de vida que flui,  
As descobertas juvenis me abastecem com tão pouco,  
E a cada soprar do vento,  
Com ainda menos ânimo e interesse  
Pelas coisas simples e pelas complexas.

Não sei por que ainda estou aqui...  
Feliz aniversário.



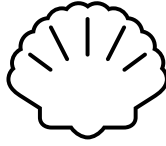
Olhar no espelho e ver um  
reflexo finito e amedrontador,  
apenas você,

com a palidez de sempre,  
e o cansaço impregnado  
em cada fio dócil  
do seu cabelo,

cheio de emaranhados  
e incertezas,  
tão distantes da realidade,

que um dia sequer foi  
pensada por você,

sucedendo com  
seus medos  
e desesperanças.



É que te amo mais  
do que a mim mesmo,  
e não sei lidar com  
toda essa insegurança que sinto  
quando estou perto de você.

Como se eu fosse pouco.

Me sinto a última gota,  
quando você tem mares inteiros  
e azuis para apreciar.

Me sinto perdida, como  
um astronauta encontrando  
galáxias desconhecidas.

Te amo mais do que a  
mim mesmo, esperando que você  
possa suprir a imensidão que  
deveria existir dentro do meu peito.

Por isso, tenho que caminhar sozinha,  
em busca do que deveria existir aqui,  
dentro de mim.

Não consigo, e estou longe de  
encontrar algum vestígio do  
que possa ser o "eu" de verdade.

E enquanto não o encontro, tudo  
que me resta é vazio e solidão,  
mesmo amando.





Se virar do lado incomum da  
cama, e mais uma  
vez pensar na morte.

Rápida, ríspida e indolor.

A maneira mais prática de fugir  
do mundo e de afogar  
quem mais te atormenta:

você mesmo.



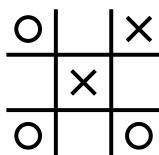
Dia chuvoso,  
coração nublado,  
tudo tempestuoso  
aqui dentro.

Água transbordando  
no meu peito,  
inundando o vazio  
da minha alma.

Um dia nulo,  
como outro qualquer,

uma noite sem propósito  
entre milhares,

e mais uma manhã sem  
raios de sol, como em  
qualquer dia nublado.



Já procurei uma saída  
nesta crosta de mármore  
indefinida.  
Já procurei motivos para  
salientar  
minha falta de concisão em  
saltar,  
de credibilidade no que não  
há por dentro,  
no que queima e corrói.  
E depois...  
apreciar todo o estrago  
eficaz,  
estrago esse que me  
satisfaz,  
que considero um produto  
que molda  
o imoldável,  
o insolucionável,

algo não fidedigno  
de receber amor,  
composto de pequenos  
rasgos,  
pequenos  
furos e talvez  
muitas aberturas,  
que fazem com que  
todos vislumbrem um vazio  
crônico,  
indecifrável  
e profundo,  
tão nulo como as  
estrelas,  
tão denso como  
o cheiro de natureza,  
um buraco oco,  
mal propício a germinar,  
resultado de uma  
existência incalculada,  
não pensada para  
os padrões de um mundo.



E se eu olhar os lírios do campo?  
Verei dentro deles algo que ninguém  
vê,  
e se eu sentir o vento?  
Sentirei sensações  
desconhecidas  
a cada sopro.

E se eu me aprofundar nas pessoas?  
Perceberei a incompatibilidade  
que tenho em aceitar e lidar  
com uma sociedade  
tão concisa e bruta.

O mundo que eu criei na minha mente  
não é o mundo em  
que vivo, ele é muito  
mais cruel, desinteressante e mórbido,  
enquanto eu sou uma existência  
meio flamejante, hora acesa, hora

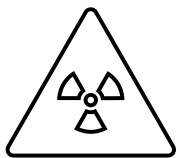
apagada, mas sempre intensa.

Paredes entram na minha  
frente de vez em quando,  
e não tem quem entenda  
essa sensação de se sentir no limite  
ou de sentir-se tão incapaz de derrubar  
esse muro de forma pacífica.

Ao mesmo tempo, encaro uma  
compilação de sentimentos e  
sensações boas e ruins.  
Às vezes, queimo de uma vez  
como se fosse inflamável,  
e às vezes vou me  
preenchendo aos poucos,  
até esvaziar de novo.

Dentro de mim existe uma  
bagunça que ninguém jamais  
entenderá,  
mas que tenho que lidar  
com ela e aprender a conviver  
com as cores diferentes,  
com os mundos e com os seres,

porque toda essa compilação,  
no final, ainda sou eu.



Já me reinventei um milhão de vezes,  
assim como já me quebrei em um milhão de peda-  
ços,  
e todas as vezes dei de cara com esse vazio pro-  
fundo,  
onde nada se molda, nada se fixa e nada tramita,  
em volta, placas: “Tóxico e perigoso, não entre”,  
para avisar a todos que não há nada humanamente  
bom aqui.





O vi queimar e jogar metade de mim para fora,  
e gritar “não volte novamente”.

Me submergi em um lugar novo, e mais uma vez me  
perdi,  
não nas terras esverdeadas,  
mas dentro de mim.

Naquele planeta inabitável, segui meus passos fundos,  
sem mundo,  
sem direção, sem rumo, a fim de me encontrar.

E cheguei inevitavelmente em você, mais uma vez.



Uma estrela não se  
importa com o amor e a solidão.

Já eu, pateticamente me importo  
com todos os detalhes,  
e a maior parte das cores que  
vejo neste mundo me doem.

Gostaria de partir para algum  
outro lugar,  
mas não existe onde,  
não existe lar.

Gostaria de viver em uma redoma  
que me fizesse sentir  
encaixada,  
amada.

Algum lugar em que eu  
recebesse alguns segundos  
de atenção no que eu falo,

no que demonstro sentir,  
um lugar de compreensão.

Esse mundo é lastimável  
e é difícil viver mais um dia,  
as pessoas são deploráveis  
e eu não quero as encarar.

E eu sou a pior coisa dentre  
tudo isso.

Acabar comigo mesma  
é um ato de benevolência  
para a humanidade, eu diria.

Não me identifico mais com  
um nome, com um endereço  
ou com memórias.

Perdi minha identidade  
para sempre, de forma  
irreversível, no dia  
22 de novembro de 1998.

Perdi minha essência no instante  
em que abri os olhos pela primeira vez

e descobri que tinha algo de  
errado comigo.

Que todos sorriam o tempo todo  
e eu não sorria em tempo algum.  
Algo estava errado.

Eu sabia, conforme os anos  
foram se passando e  
ninguém se aproximava.

E naquele vazio, eu conseguia  
abrigar o mundo todo, mas nunca  
conseguia encaixar nada,  
muito menos entender.

As coisas hoje estão um  
pouco piores.  
Encarar uma realidade sólida me  
parece impossível,  
assim como ter relações sinceras.  
A dor é real!

Ela explode por dentro e deixa  
feridas que doem, sangram,

descamam e mostram cada dia,  
com mais proximidade, como posso  
ser por dentro, humana, finalmente.

Goteja neste buraco intergaláctico  
muito mais que nos céus do mundo todo.

O dom de carregar o sofrimento  
de oito bilhões e meio de pessoas  
sem sentir absolutamente nada  
da maneira que elas sentem.

Palavras nunca serão suficientes  
para descrever o abalo das inúmeras  
vidas que me abrigam,  
que nunca me abrigaram  
verdadeiramente.

Tudo o que eu preciso é sufocá-las,  
libertá-las e fazê-las descansar  
em algum  
lugar distante  
e eterno.



Deixo essa carta para que todos saibam,  
a vida nos preenche  
de maneiras erradas e eu sei  
do que ela me preencheu.

Cada novo amanhecer vivendo  
da enfermidade que é tolerar  
o peito cego e nulo, de tentar  
converter tudo em nada  
e nada em tudo.

Enquanto os segundos acelerados,  
são meras representações de  
toxicidade, que acompanham  
a sociedade injusta e complexa.

A dor persecutória é o que me faz  
ser o que eu sou, uma espécie  
diferente de ser humano,  
baixo e mesquinho,

aquele déficit em meio  
aos excedentes.

Algumas fórmulas tentaram  
recombinar a minha original  
mutação, mas falharam  
na minha designação básica,  
complexo crônico de  
vazio, ambiguidade e inferioridade.

Pequenas essências que compõem  
o meu ser, além de estar acostumada  
com aquela velha sensação de  
impotência emocional, sem atenção,  
sem afeto, com amor a menos  
quinze graus Celsius.

Por receber a nota zero do meu  
lado oposto, é que me vejo como uma  
parte insignificante no mundo,  
mais um número  
e mais um muro destruído.



Me sinto só  
e não existe nada que  
tire a solidão de mim.

Além de sentir tudo  
sozinha, suporto a imensidão  
de ser eu.

Tantas explosões  
simultâneas  
só me reinventam,  
me ressignificam.

Dentro de um incêndio  
que me estica,  
deteriorando-me  
aos poucos.  
Bater e balançar a cabeça  
já não adianta.  
Quero me machucar



e sentir uma dor  
que faça as outras  
sumirem em segundos,

que faça refletir minha própria  
existência, a fim de descobrir se  
sou real.

Posso ser facilmente consumida  
dentro do meu próprio medo,  
da minha própria loucura.

Mergulho,  
mas não em águas,  
não em fogo,  
e sim num vasto  
e desconhecido vazio  
que me habita.  
Dentro dele não morro,  
tenho corpo metálico  
que sempre amassa  
e nunca se corrói por fora.

Sei que os sinônimos de mim mesmo  
significam o que é ser eu no final.

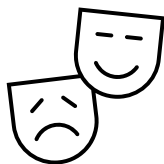
Que eu seja então a interpretação  
mais plena dos meus próprios cortes  
e da minha própria indiferença.



Mar insuportável de  
dissoluções químicas  
transbordam a acidez  
das minhas lágrimas,  
que derretem o meu  
já danificado  
coração.

Prontamente apta a  
enfrentar o afastamento  
pelo contágio da enfermidade,  
  
pela explosão.

Se importar demais é o  
maior dos problemas. A dor  
insubstituível da saudade  
é um bônus,  
e eu sou um  
efeito colateral.

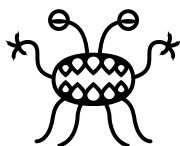


Se eu pudesse ser, escolher... o que eu seria?  
Se eu pudesse enxergar além do que meus olhos alcançam, o que eu enxergaria?

Será que, mesmo assim, teria um coração inquieto?  
Será que, ainda assim, seria um principiante, um coadjuvante na minha própria vida?  
Tomaria as mesmas decisões que me trouxeram até aqui?

Eu penso, penso e penso, até que tudo dentro de mim fervilha.  
Sou apenas um grão de areia no fim da imensidão deste universo.  
Posso até questionar, mas nunca chegarei a lugar algum.

A vida carece de sentido ou será que careço de compreensão sobre todas as coisas que sou, não sou e, sobretudo, sobre o que existe e o que não existe?



Consegue sentir?  
Essa é a dor de amar  
mais uma vez.

Consegue ver? Esse é  
o resultado dos seus  
sentimentos  
descontrolados  
e marcantes.

Consegue notar?  
A palpitação  
no peito,  
o arrependimento  
do que foi dito,  
do que ainda há a dizer  
e do que não foi feito.  
O tempo marcando  
30 minutos a mais,  
sempre que olha o relógio,

e você tremendo de medo  
e insegurança, 1 hora da manhã,  
delirando,  
não aguentando.

Paranoica, pensando em  
coisas que nunca acontecerão,  
ou será que virão a acontecer?

Você se imagina sozinha,  
abandonada, caída e humilhada  
de segundo a segundo do dia.

Claramente abalada,  
e mais uma vez,  
você sente que a culpa é sua,  
que está estragando tudo.

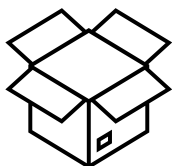
Você tenta incessantemente  
mudar as coisas,  
mudar a si mesma,  
mas os fantasmas  
e as marcas do passado  
sempre baterão à sua porta,  
dia após dia,

para lhe lembrar que  
está presa e que jamais  
poderá sair.

Anda em meio à escuridão  
e ao abismo dentro de você,  
tentando encontrar  
luz neste inferno que  
só você conhece.

Menina, não adianta,  
tudo isso é você.  
Não tente culpar ninguém  
desta vez.

Seus problemas  
são seus demônios pessoais.  
Lide com eles.

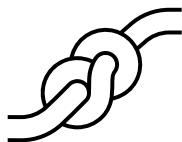


Não adianta olhar pra fora,  
é de dentro que vem esse  
sentimento de solidão.

É de dentro que vem esse vazio,  
essa insuficiência cardíaca,  
essa sensação remota  
de não pertencimento.

Fomos deserdados pela  
própria vida.





E se atirou da vida,  
e se aprofundou no abismo,  
e se afogou no vazio,  
e se magoou com a solidão,  
e se precipitou nos laços,  
e se amarrou ao amargo,  
e se findou sem raiz,  
e morreu no vão.



A rapidez com que escorro  
as gotas d'água é a mesma  
rapidez com que escorro o sangue  
da minha alma.

É a mesma desenvoltura das  
cicatrices do meu corpo.  
Para cada uma, dou  
um nome.

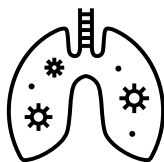
E a mais especial é a Lana.  
Lana gosta do sol,  
mas tem medo  
de se queimar.

Se apaixona por coisas  
indignas, e acredita que  
um dia pode voar.  
Você não pode,  
Lana, nem amar

se quer.

Mas pode lembrar  
dos dias de dor,  
onde pedia misericórdia,  
onde chorava para as estrelas  
e elas não te ouviam.

Quem é você, Lana, além  
de uma cicatriz que dói,  
que nasceu dos meus sonhos  
afogados?



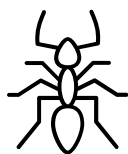
Quantas vezes mais a  
indecisão vai me prender  
à garganta e me deixar  
flutuando entre um abismo e outro?  
Um sentimento frenético pelo que eu fui,  
e pelo que poderia ter feito,  
e uma dor absurda que lembra saudade.



Observo as luzes,  
os fogos e as pessoas  
alegres, cheias de esperanças  
por mais um ano que irá surgir.

Em meio a essa louca e  
frenética comemoração, ninguém  
enxerga o vazio que se espalha  
junto com as faíscas e a dor de  
querer que seja tudo novo em  
uma vida constantemente velha  
e sem amparo.

O espaço-tempo que permite  
que a esperança cresça é vital,  
mas não indica que um novo  
ano começa.



De um absurdo desespero  
nasce o medo de não existir  
entre esses horizontes e linhas.

Vejo vidas curtas e longas se  
passando bem diante dos meus olhos,  
e sei que não dependo de mim.

Estou sempre viajando para  
mundos distantes, procurando  
almas e vidas que não são  
minhas,

anexando respostas para viver  
em tal loucura desordenada.  
Por um minuto, meu próprio  
ser me nega,  
não tomo decisões,  
não penso em soluções.

Um desespero que sufoca  
entra no meu peito, e eu sinto  
novamente que não sou daqui,  
não quero estar aqui,  
não quero caminhar por aqui.

Não posso esperar que a  
sociedade me compreenda,  
meus problemas não se encaixam  
na dialética dela, nem  
em qualquer padrão.

Não sei nadar, em alto mar  
me afogo! Eu me afogo!

E sei que não volto igual,  
ou não volto mais.  
Sou um ser neurótico,  
sem a intenção de ser.



Chuva, me leve por  
um momento para  
um lugar sem distinção,

onde eu derrame  
minhas lágrimas como  
punição.

Por amar o que não  
pode ser amado,

por querer o inalcançável,  
por rotular a mim mesma  
como rotulo os outros,

por me sangrar em solidão  
e por amar a tristeza.

Chuva, não se  
transforme em tempestade.



Só me leve daqui para  
um lugar seguro,  
onde os meus pecados  
sejam perdoados,  
ou que eu seja esquecida  
até desaparecer.

## Sobre o autor

Micaely é autista e, desde a infância, sempre foi uma pessoa curiosa e introspectiva. Começou a escrever aos seis anos, criando histórias sobre personagens animais abandonados à própria sorte por serem diferentes dos outros — uma metáfora para como ela mesma se sentia. Nasceu em São Paulo, mudou-se para o Paraná aos 17 anos, onde vive até hoje.

Seu primeiro livro publicado foi *Jabel, o Rato Cinza*, em 2021. A obra aborda o autismo de forma didática e sensível, conquistando leitores de todas as idades. Ainda no mesmo ano, lançou *Quando Não Falo, Escrevo*, um compêndio de textos escritos ao longo de quatro anos, nos quais traduziu momentos de profunda tristeza e melancolia em palavras.

Já em 2022, publicou *Contos Micabolantes*, um livro de magia e fantasia que mistura histórias em prosa poética. O título faz uma brincadeira com seu nome, Micaely, e a palavra "mirabolantes", refletindo a originalidade e a imaginação presente na obra. Micaely dedica-se principalmente à poesia e ao universo infantil, criando histórias que convidam à superação e ao acolhimento.

Em 2024, lançou *Além do Tempo* uma história afro-centrada que aborda o respeito e a importância da ancestralidade, indicada para o público jovem adulto.

Suas narrativas são permeadas por sentimentos profundos, dando voz a temas que, em tempos passados, pareciam invisíveis — como retratado em *Quando Não Falo, Escrevo*. Seu trabalho é uma celebração da diferença, da sensibilidade e da força de transformar a dor em arte.

Outros títulos de Micaely Moreira disponíveis em:

<https://bio.uiclap.com/micaelymoreira>